

ESPAÇO SOCIALISTA

Ano III - Nº 10 OUTUBRO de 2003
R\$ 2,00 (SOLIDÁRIO R\$ 3,00)

Publicação revolucionária Marxista de Debates



A OFENSIVA DO CAPITAL E A URGÊNCIA DE UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA

VEJA TAMBÉM:

- AINDA SOBRE O NOVO PARTIDO
- O CARÁTER DO COMITÊ NACIONAL DE LUTA DIRETA
- ENCONTRO DE ESTUDANTES DE BIOLOGIA OU DE TEOLOGIA?
- POESIAS

FIM DAS PRISÕES POLÍTICAS DOS TRABALHADORES RURAIS

A OFENSIVA DO CAPITAL E A URGÊNCIA DE UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA

Não temos a pretensão de fazer uma análise acabada da situação política mundial, mas apenas apresentar alguns elementos para reflexão, conscientes de que só com detalhado estudo e contrapondo análises e informações entre as correntes é que poderemos construí-la.

Nossa referência é o desenvolvimento da luta de classes em sua atual etapa e conseqüentemente seu reflexo na conjuntura mundial, sendo equívocado apresentar uma conclusão final.

Insistimos que, neste momento, o mais importante é definir a correlação de forças geral e tentar medir os avanços, retrocessos e contradições da ofensiva imperialista, sobretudo do imperialismo americano, como também o significado real da resistência e resposta dos setores mais dinâmicos do movimento dos trabalhadores.

ANOS 90: O INÍCIO DA OFENSIVA CAPITALISTA

O que predominou na década de 90 foi uma ofensiva brutal do capital (muito além do capitalismo), que, apoiado pelo processo do Leste Europeu de 89-90, desfechou uma ampla campanha ideológica, afirmando que o fim do regime soviético era o fim do socialismo e, conseqüentemente, o fim da história, impondo processos de reestruturação produtiva, privatizando em várias partes do mundo, promovendo mudanças

estruturais em todas as esferas da produção, o que possibilitou ao capital manter suas altas taxas de lucro.

Essa política colocou os trabalhadores na defensiva, onde os próprios setores organizados não conseguiram se apresentar como alternativa, inclusive a dita esquerda revolucionária que, por não conseguir explicar os acontecimentos desse período, entrou em crise.

A maior vitória do capital foi fazer os trabalhadores perderem a esperança de que é possível mudar o mundo e aceitarem a idéia que o capitalismo seria o sistema que beneficia o conjunto da sociedade e não apenas uma pequena parcela de privilegiados que usufruem as riquezas produzidas por nós, trabalhadores. Essa vitória ideológica deu ao capital um fôlego para impor as mudanças necessárias para sua sobrevivência.

A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

Mesmo com esse grande triunfo ideológico e com a ofensiva sobre as conquistas dos trabalhadores o capital não foi capaz de superar a principal característica da situação atual, ou seja, a profunda crise estrutural das principais economias do mundo.

Ainda não podemos detectar como a economia mundial reagirá ao impacto que é ter o capital americano

controlando totalmente as economias Iraquiana e Afegã e se os EUA terão condições de converter esse controle militar/estratégico em crescimento econômico para si e para o conjunto dos países imperialistas.

O que os analistas tem apontado é a gravidade que a solução militar representa, já que a manutenção da ocupação estrangeira necessita de cada vez mais financiamento por parte do Estado e isso provoca conseqüências no aumento da carga de impostos sobre os trabalhadores, gerando mais recessão econômica e descontentamento dentro e fora dos EUA.

De qualquer modo o que podemos afirmar é que a receita do FMI segue atual para todos os países recolonizados, assim como a ingerência dos organismos econômicos internacionais (Banco Mundial, FMI, etc) em sua estratégia geral de ofensiva do capital que já mencionamos.

Apesar de todos os esforços militares, políticos, econômicos e ideológicos a tendência do capital é de profunda crise estrutural. Aqui não falamos da crise de interesses isolados ou deste ou daquele país, mas de todo o capital enquanto sistema de produção.

A burguesia convive com uma contradição interna que é a existência de interesses próprios de cada setor (produtivo, financeiro, comercial) ou

mesmo de cada país (burguesia americana, francesa, alemã, brasileira, etc). Se por um lado esses setores estão ligados através do modo como o capital se estrutura (mundialmente), eles também têm interesses divergentes, fruto da concorrência entre os oligopólios (disputa pelo monopólio do setor entre a Shell e a Texaco, entre a VW e a GM, por exemplo). Essa é a explicação do por que às vezes esses países são obrigados a guerrear entre si, pois chegaram ao limite da disputa e não resta outra alternativa senão a destruição, mesmo que física, de um concorrente para o outro sobreviver.

A disputa pelo mercado mundial é a tônica da economia. Como os mercados internos já estão saturados e não têm como absorver o que se produz, torna-se necessário ampliar os raios de ação. O grau de internacionalização da economia é produto dessa realidade capitalista, onde cada empresa precisa alcançar novos consumidores.

Nesse aspecto também entra o fim dos benefícios que os trabalhadores tinham (saúde pública, aposentadoria, etc), pois para esse movimento é necessário que tanto os custos de produção sejam rebaixados (logicamente incluindo a mão-de-obra) como o Estado passe a financiar as empresas e sua produção (os empréstimos do BNDES se enquadram nessa lógica).

Outro elemento de preocupação para o capital dos países que formam o G-8 é a entrada da China (a economia que mais cresce no mundo) nas disputas por fatias do mercado mundial provocando uma tendência de acirramento dos conflitos.

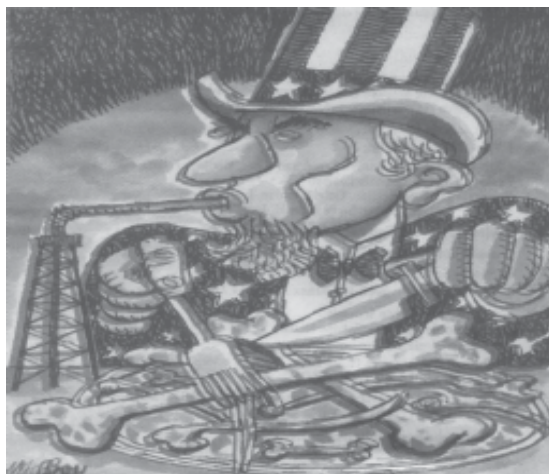
A criação dos blocos econômicos regionais (em especial o mercado comum europeu), a crise da ONU (por não conseguir se colocar como uma administradora de todos os interesses imperialista) e as ações unilaterais dos EUA são uma clara demonstração dessa disputa pelo mercado.

TUDO QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR...

No final da década de 90, mais precisamente no ano de 99, explodiram poderosas manifestações dentro dos Estados Unidos. Era o movimento antiglobalização que surgia de vez no cenário político mundial, impulsionando fortes mobilizações dentro dos países imperialistas.

Depois de décadas de paralisia, trabalhadores e jovens dos países desenvolvidos voltavam a realizar protestos nas barbas dos “donos do mundo”. Seattle (EUA) foi o catalisador, reunindo milhares de pessoas que ao enfrentarem-se com forte repressão, deram impulso a um dos mais importantes movimentos das últimas décadas, principalmente por contestar a dominação do capital em manifestações de caráter claramente internacionalista, reunindo pessoas em várias partes do mundo ao mesmo tempo. Apesar da limitação ideológica (questionava fundamentalmente o neoliberalismo, não avançando a uma crítica do sistema capitalista) também questionavam a velha esquerda, seus métodos e seus dogmas. Após Seattle veio Praga, Québec, Genova, com mobilizações simultâneas em diversos países (inclusive no Brasil).

O surgimento desse



movimento internacionalista se combinava com outros processos de reorganização do movimento social em várias partes do mundo. Era uma

resposta à ofensiva capitalista, que, se não tinha capacidade para impor uma nova correlação de forças em favor dos trabalhadores, serviu para assustar o imperialismo.

O CAPITAL SE TORNA MAIS FERROZ

O atentado às torres gêmeas e suas conseqüências congelaram pelo menos por um período esse processo de contestação. Utilizando o sentimento de compaixão pelas vítimas, o imperialismo americano tomou a iniciativa de concentrar ao seu redor a ofensiva contra os trabalhadores e o movimento antiglobalização, tendo como desculpa a luta contra o terrorismo.

Mais uma vez a esquerda não soube responder, na verdade explicar, esse acontecimento como parte da luta de classes no mundo e isso facilitou as coisas para o imperialismo dos EUA.

Esse atentado, metodologicamente equivocado e completamente rejeitado pelos trabalhadores permitiu à direita americana (diga-se de passagem, fraudulenta) a se articular, ganhar apoio popular e com isso legitimar ações que até então não tinha forças para executá-las (apesar da vontade e da necessidade para a sua economia), como a invasão e ocupação do Afeganistão e, mais recentemente, do Iraque.

A extrema direita (só por demarcação, pois não consideramos que o partido democrata tenha qualquer traço que não seja de direita) no poder do país mais importante do mundo vivendo uma crise de superprodução jamais vista (ou seja, o país tem capacidade de produzir mais do que consegue vender)

formam a base para o capital americano buscar a sua hegemonia no planeta de forma muito mais violenta, onde a persuasão não é a única arma. A ofensiva

ganha contornos mais agressivos. Os EUA conseguem aglutinar em torno de si todos os países imperialistas e conta com o apoio de vários outros.

A agressão militar além de controlar as maiores reservas de petróleo e gás do mundo (permitindo baixar os custos de produção e melhores condições na disputa pelo mercado mundial) também busca demonstrar força contra o movimento dos trabalhadores. Ainda que o pretexto seja a luta contra o terrorismo, sabemos que o verdadeiro motivo é a

necessidade cada vez maior que o capital tem de buscar novos mercados e controle sobre as matérias primas e recursos naturais.

Como já dissemos, essa necessidade é produto da crise de superprodução de todo o conjunto do capital (europeu, americano, japonês, etc), ela também é a explicação para as divergências sobre as ações contra o Iraque.

A agressividade do imperialismo tem explicação na sua própria crise estrutural.

O ELEMENTO CENTRAL É A OFENSIVA DO CAPITAL

Em edições anteriores já tratamos da ofensiva imperialista nas frentes **militar, econômica e política**. Mesmo que pareça repetitivo, consideramos importante reexaminá-las e reafirmá-las pelo fato de manterem-se atuais.

A política imperialista de estabelecer o controle e o domínio sobre o mundo é tão violenta que utiliza todo e qualquer instrumento necessário para alcançar seu objetivo, com uma política expansionista dura e sem piedade, principalmente para os países atrasados e semicoloniais, ameaçando retroceder o mínimo de soberania que os esses países possuem.



MILITAR: Com uma superioridade inquestionável (fora as armas de destruição em massa, os EUA tem um poderio militar convencional 20 vezes superior a países como Alemanha e Japão) os americanos impõem, de forma cada vez mais freqüente, ações militares em caráter de ocupação permanente, ou seja colonização.

Afganistão e Iraque (a resistência armada à ocupação ganha peso, pois os xiitas se rebelaram dispostos a declarar guerra aos invasores) são a demonstração clara e evidente da política de colonização levada a cabo pelo imperialismo.

Por outro lado expandem sua presença militar em diversas partes do mundo, instalando bases militares em pontos que permitem fácil locomoção em caso de necessidade militar. Na América Latina as forças armadas americanas intervêm diretamente na Colômbia e pressionam diversos governos para instalarem bases no continente.

Comprova-se o crescimento da presença militar americana no mundo através do desenvolvimento e aplicação de programas militares implementados na América latina, como o GAFE (grupo aéreo de forças especiais) que esteve envolvido em ataques contra as

comunidades zapatistas em Chiapas no México. Os oficiais do GAFE são treinados no Forte Bragg na Carolina do Norte (EUA), o mesmo lugar em que várias unidades paramilitares contrarrevolucionárias do mundo inteiro foram e são treinadas.

Também podemos destacar a assistência técnica e a participação direta de oficiais americanos em ataques contra o movimento social e guerrilheiro na Bolívia e Colômbia (com a desculpa de combate ao narcotráfico) e financiando ações nas regiões fronteiriças com o exército brasileiro, paraguaio e peruano

denunciado recentemente pela revista Carta Capital.

Essa ofensiva também coloca contra a parede os governos dos países do imperialismo europeu, uma vez que esses países são os maiores concorrentes no mercado mundial. Um dado importante foi o discurso do secretário de defesa americano Donald Rumsfeld ameaçando colocar a Rússia (quem diria!) como país do eixo do mal e cúmplice do terrorismo internacional.

É sobre esse poderio que se apóia Bush e sua intransigente burguesia imperialista.

ECONÔMICO: Sob o ponto de vista econômico, o neoliberalismo segue firme na aplicação dos planos tradicionais, incluindo a reestruturação dos setores produtivos e serviços (novas tecnologias e gerenciamento da produção), privatizações (deslocamento da infraestrutura para as mãos do capital privado), expansão comercial sobre novos mercados com acordos comerciais, como é o caso da ALCA. Tudo para manter e aumentar sua taxa de lucro

É importante reafirmar que a finalidade da ofensiva econômica é o sistema contornar - já que não pode

eliminar - sua crise de superprodução, criando mecanismos para movimentar o capital, acabando com as fronteiras tributárias (taxas alfandegárias e a tributação sobre movimentação de capital externo, etc), e com os direitos básicos dos trabalhadores (conseqüentemente reduzindo o custo de produção).

A Reforma do Estado (fim ou limite para a aposentadoria, por exemplo) é fundamental para deixá-lo saudável, destruindo qualquer resquício que venha lembrar o Estado de bem estar social o chamado "Welfare State" e assim garantir todos os compromissos assumidos com o capital financeiro (garantia de pagamento de juros). Aqui a regra é simples; o estado se retira de setores como: infraestrutura, saúde, educação (privatizando-os) e projetos sociais para sobrar mais dinheiro garantindo o pagamento da dívida pública (externa e interna). Essa é a lógica do pomposo superávit fiscal e outras medidas adotadas pelo governo Lula como as reformas da previdência e tributária.

Aqui, a ofensiva contra os trabalhadores ganha novos ares, pois ela não se dirige somente contra os países pobres. Os trabalhadores dos países imperialistas também sofrem com as reformas trabalhista na Itália e previdenciária na França e Suécia.

POLÍTICA: Sob o ponto de vista político, o imperialismo atua no sentido de subordinar diretamente os governos dos países dependentes às suas ordens. A política é o meio de concretizar seus planos militares e econômicos, pois é por essa esfera que passa o convencimento de que as leis e reformas são em benefício dos trabalhadores. Assim os governos locais são fiéis pontos de apoio e sustentação de seu domínio. Não é à toa que a primeira medida de Lula e Kirchner (atual presidente argentino) foi viajar a Washington para pedir a benção de Bush e acalmá-lo, pois não

pretendiam tomar qualquer medida contra os interesses americanos. Como se vê, estão cumprindo a risca o prometido...para Bush.

O regime político deve ser absolutamente funcional aos objetivos militares e econômicos do imperialismo, utilizando a democracia burguesa através dos processos eleitorais como meio mais seguro de manutenção desses interesses.

Na Venezuela, onde se tentou solucionar a crise diretamente pela intervenção militar, acabou provocando grande repercussão popular deixando claro o limite que tem o uso da força.

A importância dessa discussão se

"Utilizando a reação democrática, constroem figuras com apelo de esquerda ou populista, mas que na essência tem o mesmo conteúdo de qualquer ditadura, ou seja, aplicar todas as ordens a qualquer custo"

coloca no fato de que o capital (definição mais ampla que capitalismo) desenvolveu formas fabulosas de dominação, se nas décadas de 60 e 70 sua política principal para a América latina eram os golpes militares e instauração de ditaduras, hoje sua ofensiva é marcada por uma **cínica combinação entre reação democrática e a ação repressiva direta**. Utiliza-se a reação democrática para cooptar e conter os processos de luta em combinação e, quando necessário, apela-se a outras armas "mais duras", a serviço da preservação do "estado de direito", da "ordem democrática" ou dos "valores da civilização" (ordem burguesa), ainda que deva colher frutos podres... A ocupação do Afeganistão e agora do Iraque também são provas disso.

Utilizando a reação democrática, constroem figuras com apelo de

esquerda ou populista, mas que na essência tem o mesmo conteúdo de qualquer ditadura, ou seja, aplicar todas as ordens a qualquer custo.

Ao fazermos essa afirmação temos bem claro que a política de democracia burguesa se apresenta de forma diferenciada do que seu nome poderia sugerir, pois ela tem sido combinada com o endurecimento das instituições policiais e judiciais. A repressão contra os previdenciários no Brasil, as mortes dos jovens argentinos, a repressão aos movimentos sociais nos EUA, a morte do jovem anarquista italiano (Carlo Giuliani) em Gênova provam isso. Não são raros os cadáveres produzidos pela democracia burguesa.

Os governos "democráticos" podem facilmente ser identificados como autoritários ou ditatoriais quando utilizam mecanismos acima das instituições da democracia burguesa. As forças armadas cada vez mais profissionalizadas, e o serviço de inteligência reaparecem jogando um papel importante na segurança interna, com o judiciário sempre fiel às ordens do executivo, cumprindo sua parte na criminalização dos movimentos sociais. Desse modo o novo estilo autoritário é "disfarçado" com artifícios que o faz passar despercebido, conferindo a legitimidade que a repressão não teria em caso de golpe militar.

Queremos chamar a atenção para a política de colonização promovida pelo imperialismo americano. Talvez o termo recolonização seja mais apropriado, pois os países hoje ocupados já tinham realizado suas revoluções de libertação nacional e novamente se vêem diante dessa tarefa. A ocupação no Afeganistão, no Iraque, a exigência aos governos para serem cada vez mais servis à assinatura de acordos e tratados criando trânsito



livre para os interesses imperialistas são os fatos que podem ser percebidos facilmente na realidade. A recolonização pode ocorrer por ocupações (Iraque, Granada, Afeganistão) ou ainda pela assinatura de acordos, como o ALCA ou NAFTA.

CRISE DE ALTERNATIVAS

Em meio a essa conjuntura estamos nós trabalhadores enquanto classe, sofrendo uma aguda crise de subjetividade. Quando foi publicado o “Programa de Transição” (*Leon Trotsky*) o marco teórico-político do termo “crise de direção” serviu para nortear todo o movimento de esquerda revolucionário marxista diante das condições históricas a que estava submetido o desenvolvimento do capitalismo naquele momento. Depois, veio a 2ª Guerra Mundial e a Guerra Fria, com todas as implicações econômicas, políticas e sociais dos acordos firmados entre as potências.

Embora não sendo uma alternativa socialista, a U.R.S.S seguiu representando, de uma forma ou de outra, uma referência de alternativa para a classe trabalhadora, e o termo “crise de direção” continuou sendo usado para explicar a exploração que passava o povo soviético (como também ainda passa o cubano, o chinês, o norte-coreano). Com isso, o movimento não analisou profundamente a totalidade do processo político e econômico sob influência da burocracia soviética.

Como toda direção burocrática, em sua lógica de sobrevivência, sempre luta para que não haja saída política revolucionária para superação do capitalismo, o resultado nefasto dessa lógica foi o esfacelamento da U.R.S.S e a

simbólica queda do muro de Berlim, culminando na atual crise de consciência socialista da classe trabalhadora.

Um grande exemplo dessa crise de alternativa é o recente processo argentino em que o conjunto do movimento, apesar das louváveis ocupações de fábricas e assembléias de bairros, não conseguiu apontar um rumo socialista para solução de seus problemas, mesmo passando por uma aguda crise nas instituições burguesas.

Argumentar simplesmente que a crise de direção emperrou o processo, ou que apenas faltou a ação decisiva de um partido revolucionário (na Argentina, há pelo menos cinco) não é suficiente para explicar o refluxo do movimento

“O fundamental e prioritário é retomarmos a construção da subjetividade revolucionária e conseqüentemente da alternativa socialista, impulsionando a unidade dos revolucionários na luta direta contra o capital.”

anticapitalista.

A crise de alternativa socialista permite que a classe trabalhadora sofra as mais diversas e nocivas influências, como demonstra o fortalecimento político das seitas evangélicas verificado no resultado das últimas eleições e também o ideário petista de cidadania e “justiça social” sob o capitalismo, constituindo um enorme entrave para o avanço das lutas sociais, já que capitalizam com essa crise a ponto de legitimarem-se como gerentes do grande capital.

O fundamental e prioritário é retomarmos a construção da subjetividade revolucionária e conseqüentemente da alternativa

socialista, impulsionando a unidade dos revolucionários na luta direta contra o capital.

Quando falamos da falta de um projeto histórico, nos referimos à ausência de uma utopia socialista para os milhões e milhões de trabalhadores que sofrem com a exploração capitalista. Faz falta um projeto político e estratégico em que a classe trabalhadora possa depositar a sua confiança e se disponha a se organizar para construí-lo.

A desilusão dos trabalhadores é contra o “socialismo real” soviético, cubano, norte coreano...que nada têm ou tiveram de socialismo, mas que na verdade foram (no caso do Leste europeu) ou são formas de exploração do mesmo capital que reina nos outros países (ainda que sob outras formas).

A crise da alternativa socialista tem como explicação vários elementos e como exemplo podemos citar o fato de muitas organizações focarem sua atuação nas esferas do Estado, como as eleições. A política dessas organizações tem como centro a ocupação de cargos no parlamento e em muitos casos secundarizam a luta direta, o que contribui para legitimar a política de dominação através da “participação popular”, com os processos eleitorais.

Há também outros elementos importantes como a institucionalização (em alguns casos como a CUT, UNE podemos até falar em estatização) das organizações do movimento social. Isso fez com que, principalmente os sindicatos, deixassem de ser um instrumento de luta contra o capital (muito além da luta pela valorização da mão de obra como mercadoria), o distanciamento dos revolucionários da vida cotidiana da classe operária, o desconhecimento de qual era a realidade da classe operária dos (equivocadamente) chamados Estados Socialistas e a conseqüente impossibilidade de explicar o processo de 89/90 no Leste Europeu.

Em um momento que a classe operária questiona o modelo stalinista de organização política (leia-se as estruturas burocráticas e a atuação dos “partidos revolucionários”), a esquerda se burocratizou ainda mais e em nome do centralismo democrático (reduzindo toda a luta de Lênin pela construção do partido a um esquema, numa deformação stalinista) se verticalizou e endeusou os dirigentes desses partidos (toda seita tem que adorar a algum “deus”) e cada um ficou construindo o seu projeto em vez de apostar em um projeto revolucionário de unidade de todos os revolucionários contra o capital.

A grande e urgente tarefa dos revolucionários é fazer com que os trabalhadores se reconheçam enquanto a única classe capaz de acabar com a exploração no planeta e construir o socialismo, defendido por Marx, Engels, Lênin, Trotsky e tantos outros, a única ferramenta possível para essa transformação radical da sociedade. Precisamos explicar pacientemente que aqueles modelos não são nem a sombra do socialismo. O socialismo é o sistema em que vai reinar a mais autêntica democracia, onde a maioria, de forma auto-organizada vai decidir sobre cada detalhe de sua vida (desde assuntos da

produção de bens necessários para a sua existência até o impacto ambiental de qualquer projeto), é o sistema onde a vida humana (o seu desfrute) será o mais importante, onde a produção das riquezas estará subordinada à necessidade da humanidade, onde o ser humano terá uma relação de unidade dialética com a natureza. No socialismo não haverá fome, analfabetismo, prazeres para uns e desgraça para outros, a violência banal. Do socialismo nascerá uma nova mulher, um novo homem que construirão um mundo solidário, fraterno, um mundo..humano

APROFUNDA-SE AS CONTRADIÇÕES DA OFENSIVA IMPERIALISTA

O neoliberalismo no início dos anos 90 mostrava uma solidez e avançava com tanta fúria que parecia que nada poderia detê-lo. A aplicação de planos pelos governos serviu inclusive com o apoio popular, o que facilitava a propagação da balela do “fim da história” propagada pelo imbecil do Fukuyama.

No marco da ofensiva do imperialismo yankee sobre o resto do mundo, o movimento de massas vai produzindo e desenvolvendo formas de resistência, que vai desde a deslegitimação de sua política até enfrentamentos violentos e armados, como é o caso da resistência iraquiana e da intifada palestina.

No plano militar a ofensiva contra o terrorismo já não conta com a



mesma simpatia que tinha logo após o ataque ao WTC. A resistência de vários países (pressionados pela opinião pública) e do próprio Conselho de Segurança da ONU à ação no Iraque aponta nessa direção. Como ponto mais alto desse processo destacamos o crescimento do sentimento anti-

americano pelo mundo (a revista Veja publicou uma pesquisa que coloca o Brasil em 2º. lugar. A Jordânia ocupa o 1º. lugar com 97% de rejeição). A intifada palestina, que Bush, Arafat e Sharon não conseguem calar, reforça o bloco dos enfrentamentos radicalizados contra a ofensiva militar.

No aspecto econômico, o protecionismo levado a cabo pelos EUA também gera descontentamentos até com seus aliados históricos. No movimento de massas o FMI e a política neoliberal são identificados como os responsáveis pela crise e miséria a que estão submetidos vários países e citamos a oposição à celebração do acordo que cria a ALCA.

O endurecimento, por orientação americana, dos organismos

financeiros internacionais demonstra que o capital financeiro esta disposto a continuar a apropriação das riquezas produzidas no países desse continente sem se importar com os custos sociais que isso acarreta e essa política tem conseqüências para os governos locais que sofrem pressões por todos os lados. Esta pressão pela aplicação das receitas produz contradições até mesmo nos setores da burguesia pois, em ultima instância, coloca em xeque a existência de setores burgueses mais ligados à produção e ao mercado interno.

A resistência também encontra eco na esfera da ofensiva política americana. Um dos pontos centrais da caracterização da conjuntura mundial é o desenvolvimento de um amplo questionamento e uma crescente deslegitimação das políticas neoliberais e dos ajustes econômicos impostos pelo FMI que reina no mundo principalmente contra os países subdesenvolvidos. Os movimentos antiglobalização, as manifestações de milhões de trabalhadores italianos contra as reformas trabalhistas, a derrota eleitoral de FHC no Brasil, a crise política no Equador, o surgimento e crescimento de uma oposição, ainda que eleitoral, de um setor dos trabalhadores bolivianos (cocaleros) provam essa tendência geral e se apresentam como o principal fato demonstrativo das contradições que o imperialismo enfrenta na sua ofensiva.

O que pesa contra essas mobilizações é o seu caráter limitado e sem perspectiva revolucionárias, se deixando seduzir por propostas que não vão sequer um milímetro além do capitalismo e buscam saídas eleitorais, dentro do sistema. Isso termina por representar vantagens para o

imperialismo, pois a luta se mantém dentro de sua arena, de seu campo. (já tratamos desse tema na discussão sobre a crise da subjetividade).

EUROPA

Depois de um período de relativo impasse o movimento antiglobalização deu mostras de sua potencialidade, com as mobilizações de na Europa (principalmente em Barcelona) e que não está disposto a ficar quieto diante da ofensiva imperialista, sem gerar contradições e dar respostas. O movimento contra a guerra que chegou a reunir 6 milhões de pessoas no mesmo dia em várias partes do mundo também foi uma demonstração do movimento de massas de sua força.

Impulsionados por manifestações em Barcelona, Itália, professores e metroviários de Londres e as gigantescas manifestações contra a guerra, o movimento antiglobalização ressurgiu com força na Europa e aos poucos vai ganhando contornos mais anticapitalistas, como a denúncia da "Europa do capital". Há também processos mais politizados como o descrédito na política tradicional francesa e o fortalecimento da extrema esquerda (ainda que eleitoralmente).

A importância das lutas no continente europeu está no fato de que elas ocorrem no coração do capitalismo, em um dos centros nervosos do capital e todos sabemos que a sorte da revolução mundial se decidirá com a entrada em cena do proletariado desses países

AMÉRICA LATINA

Vale a pena fazer algumas considerações sobre a América Latina, em especial a América do Sul, tanto porque essa região

sempre serviu de laboratório para as políticas do imperialismo como porque tem ocorrido processos que são bastante distintos e até mais profundos do ponto de vista da luta contra o capitalismo, o que o faz se diferenciar daqueles que ocorrem no restante do mundo.

Nos últimos anos podemos destacar a rebelião revolucionária do povo equatoriano e boliviano liderados pelos trabalhadores cocaleros, o surgimento das assembleias populares na Argentina, a derrubada do governo fascista de Fujimori no Peru, as greves gerais no Chile, Paraguai, Uruguai, a luta do povo venezuelano contra o golpe financiado pela CIA e outras incontáveis formas de lutas e resistência que vem se desenvolvendo cotidianamente.

Em que pese todos esses processos que se desenvolvem não podemos deixar de considerar que e também neste continente que a política capitalista da saída pacífica e eleitoral têm alcançado os maiores sucessos. Descontentamento, revoltas e rebeliões têm sido levadas para a saída eleitoral e milhões e milhões de trabalhadores depositam no parlamento burguês a esperança de que as coisas podem mudar pelas instituições democráticas do capitalismo. Esse, na verdade é o grande limite dessas lutas, ou seja, de não terem conseguido construir e desenvolver formas de lutas que adquiram um significado anticapitalista.

Também merece destaque a resistência que o ALCA encontra no continente. O plebiscito organizado por setores da igreja e as manifestações de rua que ocorreram no Brasil e em outros países comprovam a alta rejeição a este projeto do imperialismo americano.

AINDA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO

9

NOVO PARTIDO

Nos dois últimos números do nosso jornal, abordamos a proposta lançada pelo PSTU de construir um novo partido. E nesse número não podemos deixar de retomar o tema, colocado para todos os ativistas em função dos acontecimentos pós reforma da previdência, quando três parlamentares do PT (Luciana Genro, Babá, e João Fortes) votaram contra a reforma, desencadeando de fato o processo de expulsão desses deputados do partido.

A dinâmica do governo corresponde aos prognósticos anteriormente feitos por nós. O governo Lula não passa de um governo neoliberal, comprometido até as últimas conseqüências com a reforma do Estado Brasileiro, no sentido de viabilizar uma maior exploração dos trabalhadores em benefício da burguesia e do imperialismo. O fato do PT ter origem na classe trabalhadora e grande influência nos movimentos sociais lhe confere vantagem para conter qualquer movimento que possa questionar de maneira mais ampla o rumo que o governo tem tomado. Conta com a vantagem de não responder a um setor da burguesia, mas sim a burguesia como um todo. Isso se reflete na determinação em

fazer votar todas as matérias importantes para a reforma do capitalismo no Brasil, ainda que contrarie tal ou qual interesse menor, de tal ou qual setor burguês.

Esse processo não é de agora. Desde que vários governos municipais e estaduais assumiram, o PT tem desempenhado o papel de gestor eficiente da crise capitalista. Há tempos estamos denunciando essa postura nefasta.

UM SALTO DE QUALIDADE

Esse processo ganhou uma dimensão muito mais aguda com a eleição de Lula. No plano federal, o PT passou a fazer o que já praticava nas prefeituras e estados. Isso gerou uma crise muito grande na base petista. Se nas prefeituras e estados, tinha-se a desculpa de que nada podia ser feito para mudar o rumo das coisas, pois havia uma enorme dependência do governo federal, com a vitória em novembro esse argumento caiu por terra.

Todos aqueles que permaneceram anos e anos dentro do PT, mesmo sabendo qual a prática do partido, representados pelos prefeitos e governadores, agora não têm muito mais escolha: **ou se adaptam a agenda neoliberal, abandonam as**

idéias de transformação social ou mudam de partido.

A máquina burocrática é implacável. A muito foi-se o tempo em que era possível pelo menos discutir os rumos do PT, ainda que a direção sempre fizesse o que quisesse. Agora nem essa ilusão é possível. Não há nenhum espaço para discordância do processo político tomado. Usando o chamado centralismo democrático, a direção do PT, capitaneada por José Dirceu e Genuíno, impõe sua vontade contra os interesses dos trabalhadores. E aí daqueles que ousem desafiá-los. Esse foi o caso dos três deputados e Heloísa Helena, certamente serão expulsos por votarem ou se manifestarem contra a política do partido. Não há mais o mínimo espaço para esses parlamentares ficarem no PT, a menos que capitulem como, foi o caso de Lindemberg Farias, ex-PSTU, enquadrado pela direção do partido a troco de cargos dentro do congresso.

Esse processo começou a provocar uma enorme crise nas fileiras petistas, levando muitos a saírem ou deixarem de ter referência nesse partido. Isso coloca a seguinte questão prática: **o que fazer?**

UM NOVO PARTIDO... COM VELHAS PRÁTICAS?

Cientes de sua inevitável expulsão, Luciana Genro, Babá e João Fortes lançaram, paralelo ao chamado pelo PSTU, um movimento pela construção de um novo partido que se chamaria PTS. Esse fato gerou um grande desconforto no PSTU, uma vez que atropelou seu desejo de capitalizar uma possível ruptura no PT.

Aqui se manifestou o primeiro problema quanto à construção de um novo partido.

Não questionamos a necessidade de construir uma organização política da classe trabalhadora, com um programa e prática radicalmente diferentes do existente hoje em dia. Porém, o que notamos é o velho jogo de cúpula, onde as chamadas bases e militantes só participam como atores coadjuvantes.

O PSTU literalmente “tomou um rodo” nesse processo, pois tinha a ganância de capitalizar a ruptura, filiando os deputados ao seu partido, indicando para o conjunto da militância qual organização seguir, apoiado no prestígio desses mesmos deputados. Acreditava assim construir-se como o tão sonhado partido com influência de massas.

Luciana Genro e Babá, por sua vez, têm interesses muito mais amplos do que se subordinar aos do PSTU. Querem ter viabilidade eleitoral e controle sobre a máquina, situação inviável se entrassem no PSTU. Esse processo, em largas linhas, demonstra uma velha prática que levou o PT aonde ele chegou: **a submissão de toda a vida política da militância aos interesses da cúpula burocrática.**

Não há de fato uma real

preocupação em organizar a vanguarda ampla existente no país e dispersa em vários grupos por todas as cidades. Por um lado o chamado cupulismo e a luta por prestígio e por outro a subordinação do processo mais importante de reagrupamento dos socialistas revolucionários em uma nova organização aos processos vinculados ao calendário eleitoral podem abortar a oportunidade de evitar a dispersão pela qual toda esquerda passa hoje em dia.

PSTU ESTÁ COLHENDO O QUE PLANTOU

A luta de classes é irônica. A corrente dominante no PSTU, a antiga Convergência Socialista (CS), teve em suas fileiras os dois dos principais deputados radicais do PT, Babá e Luciana Genro. Por um motivo que nem os mais antigos membros da CS saberiam explicar convincentemente, esses deputados também foram postos para fora da organização, sem muita explicação para a militância.

Essa prática sectária da CS, continuou posteriormente no PSTU. Aqueles que não concordavam com a direção eram postos para fora, de uma maneira ou de outra. Em parte essa agremiação é responsável pela enorme dispersão existente na esquerda. E toda a vanguarda sabe disso. Não há confiança nenhuma em construir algo com o PSTU. E não tiramos a razão daqueles que nutrem por esse partido uma verdadeira aversão. Sua história não o credencia para nenhum processo de reorganização.

Como não podia deixar de ser temos, agora mesmo, no meio do processo de chamado de construção do novo partido, outros exemplos da prática sectária do PSTU. Se o processo de construção realmente é

amplo, por que os pequenos grupos não são chamados a participar? Por que não há chamado a todos sem distinção? Simplesmente porque são isso, pequenos grupos, sem base para poder eleger deputados e vereadores, a verdadeira estratégia do PSTU para poder sobreviver. Desse modo, deixa de ser interessante para esse partido tê-los como companheiros.

Tanto Luciana Genro como Babá, que no passado foram vítimas da intolerância da ex-CS, hoje PSTU, sabem muito bem o que os espera se entrarem num processo como esse. Sabem do “abraço de urso” que os esperam, sabem que o PSTU é uma máquina de destruir militantes e não estão a fim de viver a mesma situação pela qual já passaram.

JÁ EXISTEM AS BASES PROGRAMÁTICAS PARA NOVO PARTIDO?

Compartilhamos da mesma desconfiança em relação ao PSTU ao mesmo tempo em que sentimos a necessidade da construção de uma organização política alternativa, unindo todos os lutadores e socialistas, profundamente revolucionária e realmente democrática, tendo uma profunda sensibilidade e tolerância frente às posições políticas e programáticas, desde que estejam dentro do campo da classe trabalhadora.

Porém não compartilhamos da idéia de que as bases programáticas para a construção de um novo partido já estão lançadas pela “bandeiras levantadas pela classe trabalhadora e que o PT levantou nesses últimos vinte anos”

Em primeiro lugar há uma confusão entre bandeiras e programa. Bandeiras são palavras de ordem que expressam uma determinada demanda, momentânea, de um setor ou da classe em geral. É um móvel

COMO DEVE SER O POR UM NOVO PARTIDO?

Analisando o processo, temos muitas dúvidas do resultado que será obtido. As forças políticas colocadas em movimento apontam para a construção de uma nova organização marcada pelas velhas práticas. Os acordos de cúpula vão predominar, a base só será chamada para o dia da festa, todos os pequenos grupos serão mantidos fora e a dispersão continuará por processos de separação posterior. Ou seja a história se repetirá como nas outras vezes.

Na nossa concepção o movimento deveria acontecer de uma outra maneira.

Primeiro não subordinar a construção de uma alternativa ao calendário eleitoral. Pelo contrário, deveria nascer denunciando a democracia burguesa e todas suas expressões. Exemplos não

faltam. Uma denuncia implacável mostrando todos os pontos em que, mesmo que votamos, não temos controle sobre os parlamentares e políticos. A reforma da previdência e trabalhista são exemplos. Não há reforma, mas sim a perda de direitos prejudicando e agravando ainda mais a situação dos trabalhadores. Se não rompermos com essa lógica nunca teremos uma vida digna. Romper com a democracia burguesa, denunciando todas as suas manobras para enganar a classe trabalhadora é o primeiro dever desse movimento. Colocar-se a serviço da luta direta seria a cara prática. Está aí a luta contra a ALCA, contra o FMI, pela

para a luta, é como a classe expressa o objetivo de uma luta específica. Uma bandeira típica é aumento de salário já. Não se trata de um programa, trata-se de uma necessidade imediata pela qual um setor ou a classe podem ou não lutar para atingi-lo. Uma vez alcançado, encerrar-se aí sua validade, ainda que acreditemos que dentro do capitalismo teremos sempre que lutar por aumentos de salário.

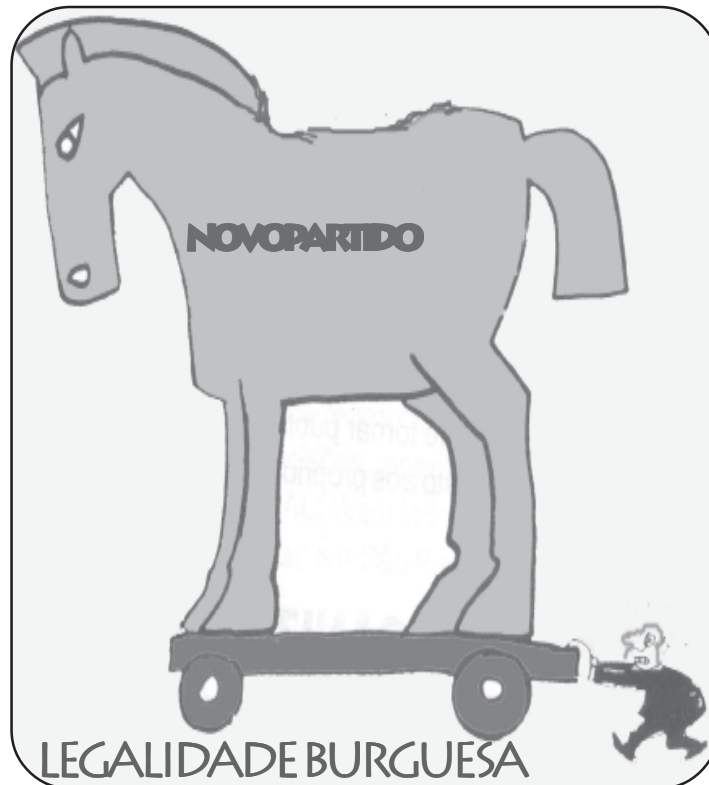
O programa, diferentemente, expressa um guia muito mais geral, completo e amplo dos interesses históricos e imediatos da classe trabalhadora. Reflete as necessidades imediatas e estratégicas de classe e serve como guia por um período muito mais amplo do que o alcance da bandeira. A bandeira é uma expressão momentânea de uma pequena parte do programa. No programa estarão coisas que não se traduzem em bandeiras imediatas, como por exemplo a transição para o socialismo, a relação partido classe, a estratégia frente ao Estado capitalista. etc.

E em segundo lugar não podemos dizer a priori que o PT “nos últimos 20 anos levantou as bandeiras da classe trabalhadora”. O programa do PT, desde 90 abandonou muito das reivindicações históricas da classe. Foi baseado nesse programa que a direção iniciou seu processo de adaptação de classe. A colaboração de classe, a qual os companheiros corretamente repudiam, está no programa do PT. Ainda que esse partido tenha influência na classe trabalhadora, não podemos dar de

barato que ele expresse seus anseios.

Se muitas organizações permaneceram anos e anos dentro do PT, foi mais por um processo de acomodação política ou de estratégia de construção (ou as duas coisas juntas) do que por seu programa e prática.

Em último também Babá e Luciana Genro têm uma postura de



atrelar todo o processo de construção de um novo partido aos seus interesses mais imediatos como deputados. Estão vinculando o tema ao calendário eleitoral e sua prática busca cercar esse movimento, permitindo a entrada somente daqueles que têm as mesmas posições que eles. A manobra por lançar o PTS, esvaziando o movimento do PSTU, é típico da esquerda tradicional na busca de se manter hegemônica, no controle das coisas. Isso pode abortar um amplo processo de reorganização que pode estar em curso.

moradia e reforma agrária.

Em segundo lugar nenhuma exclusão deveria acontecer no processo. E aí mora um dos grandes defeitos de todas as organizações. O sectarismo, a intolerância, o burocratismo, têm servido só para aumentar a dispersão. Não estamos numa concorrência de mercado, onde as empresas querem uma destruir as outras, para ficar com a parte que lhe cabe.

Ao contrário, estamos no mesmo barco, por uma sociedade socialista, pelo menos é o que todos dizem. E se é realmente assim, por que estão todos separados brigando uns com os outros? Por causa dos interesses imediatos de cada grupo dirigente. Essa é a razão pela enorme dispersão existente. As divergências políticas

surgem da divergência de interesses materiais imediatos. Muitos grupos querem submeter-se ao calendário eleitoral ou estar na direção das organizações sindicais, despreocupando-se com a luta, afastando-se dos interesses da classe trabalhadora. Reverter esses interesses, colocando os interesses históricos da classe no ponto mais importante poderia diminuir a chance de ruptura.

Assim também deveriam abandonar a arrogância típica que acomete cada grupo, de se achar “o partido revolucionário” e excomungar todos os outros como oportunistas ou sectários.

Ter tolerância para ouvir e se colocar no ponto de vista do outro, acabar com o pedantismo e arrogância, são passos simples mas fundamentais para acabar com a

dispersão.

Em terceiro lugar esse processo tem que ser aberto a todos os militantes. Um processo aberto e amplo de debates, conferências, para a construção de um programa, uma organização e uma nova prática militante, superadora das práticas até agora. Seria acessível a todos aqueles que não estão em nenhum grupo mas que tem interesse em militar pelo socialismo. Há muitos militantes que não estão dentro das organizações mas poderiam se engajar num processo assim. Esse processo deveria respeitar a dinâmica da base, rompendo com os acordos e brigas na cúpula.

Assim acreditamos poder alcançar um objetivo fundamental dentro do processo revolucionário, a superação da dispersão da esquerda revolucionária

QUAL DEVE SER O NOVO CARÁTER DO COMITÊ NACIONAL DE LUTA DIRETA?

O Comitê Nacional de Luta Direta (CNLD) está diante de seu VI Seminário. Na pauta estão discussões fundamentais:

1) Os Problemas colocados pela transição a uma sociedade socialista (debate teórico); 2) Análise da situação mundial e nacional; 3) Caráter e funcionamento do comitê; e 4) Tarefas.

Este texto pretende ser uma contribuição do Espaço Socialista para a discussão do ponto 3) Caráter e Funcionamento do Comitê, no qual estarão, de certa forma, se concretizando as discussões dos pontos anteriores, ao mesmo tempo em que estará se definindo o futuro do próprio Comitê.

Embora pareça que essa discussão diz respeito apenas aos grupos que integram o Comitê, veremos, numa perspectiva mais ampla, que ela interessa a todos os coletivos e ativistas que se colocam no campo anticapitalista.

Nos últimos anos, surgiram dezenas de grupos diferentes que expressam a busca de uma alternativa ao capitalismo por parte de um setor dos trabalhadores e da juventude.

Muitos desses coletivos já surgiram questionando a adaptação à ordem capitalista e à democracia burguesa característica dos partidos oficiais bem como seus regimes burocráticos de funcionamento. Também se colocam como parte

das lutas mundiais contra a ALCA, contra as organizações da globalização capitalista e a Guerra.

No entanto, também é um fato que esse processo no Brasil - e na América Latina - ainda não conseguiu gerar uma forma de coordenação viva e eficaz, capaz de unificar e potencializar a atuação de todos os coletivos e se constituir numa referência de luta anticapitalista para o conjunto dos explorados, disputando a influência com as organizações reformistas.

Uma forma de coordenação é uma das maiores necessidades do movimento - senão a maior - também no sentido de se reconstruir uma vida de debates e polêmicas, enfim, de reconstruir a

convivência entre os revolucionários organizados em coletivos ou não.

Nesse sentido o que de mais avançado tinha surgido até 2002 eram coalizões como a **AGP** (Ação global dos Povos), que agrupa em sua maioria anarquistas e libertários, a **FLP** (Frente de Luta Popular), que realiza um trabalho muito interessante nas Comunidades da Periferia do Rio de Janeiro, O **Comitê de Solidariedade aos Povos em Luta**, que atua na informação e campanhas de solidariedade às lutas diretas, entre outras.

No entanto, essas formas de coordenação também ficavam limitadas em suas parciaisidades e regiões de atuação.

Foi então que surgiu o desafio de formar uma coordenação mais ampla. Isso levou a que grupos bem diferentes quanto à sua origem e atuação estivessem se juntando para formar o que se chamou **Comitê de Ação Direta** surgido no final de 2001/início de 2002.

Em seu início, o Comitê de Ação Direta começava a incorporar alguns coletivos importantes e comitês, o que se materializou em ações como o Ato de Solidariedade à Luta do Povo Argentino, na Av. Paulista e a organização do 1º de maio Alternativo na Praça da Sé (2002), que se constituiu numa referência para um setor de ativistas.

O Comitê realizou então seu 1º Seminário que tinha como objetivos: se preparar para a luta contra a ALCA e a Guerra Imperialista, desenvolver uma ampla campanha de denúncia das Eleições e da candidatura Lula, impulsionar as principais lutas diretas que surgiam, como a Ocupação Carlos Lamarca (Osasco), e também avançar numa maior definição sobre o caráter e o funcionamento do Comitê.

Nesse 1º Seminário se mostraram várias diferenças, mas também acordos importantes que

permitiriam uma atuação unitária na luta de classes. Entretanto, o debate sobre o caráter e funcionamento do Comitê, não teve uma definição, tendo surgido distintas posições, desde a proposta de formação de um comitê amplo de luta direta até a formação de um novo partido.

Foi tirada uma comissão para escrever uma Carta de Princípios que serviria de demarcador em relação a outros setores (reformistas, pró-capitalistas, partidos) e ao mesmo tempo como critério para novas adesões ao Comitê.

Porém, na elaboração da Carta de Princípios participaram poucos coletivos e, ao final de muitos debates, surgiu uma versão que refletia os acordos existentes entre esses grupos, consolidando sua união, mas ao mesmo tempo se tornou um delimitador em relação a muitos outros coletivos, até mesmo alguns que vinham participando das atividades do Comitê. Isso porque a Carta de Princípios estabelecia pontos sobre os quais não havia acordo entre todos os grupos.

O ponto principal responsável pelo afastamento da maioria dos coletivos que vinham se aproximando do Comitê foi um trecho que diz:

*“Não consideramos que esse comitê seja um substituto dos (as) partidos ou organizações revolucionários (as), instrumentos estes de outro tipo e **também necessários ao desenvolvimento do processo revolucionário.** Tampouco podemos afirmar que seu surgimento ocorrerá a partir deste Comitê”.*

Embora a Carta afirmasse que o Comitê não se propunha a formar um partido revolucionário, fazia do reconhecimento da importância dos partidos ou organizações revolucionárias, um dos critérios para a entrada no Comitê. Isso afastou todos aqueles que não concordam ou não querem discutir

essa tese e criou uma grande desconfiança de que o Comitê era apenas uma manobra para formar mais um partido.

Outros pontos polêmicos também fizeram com que a Carta de Princípios tomasse um caráter mais programático e, portanto, restrita a poucas organizações.

Ao final do processo de elaboração da Carta, o Comitê ficou reduzido a apenas 5 grupos de fato comprometidos com a sua construção (POM - Partido Operário Marxista, Oposição Operária, Espaço Socialista, Revolucionários em Luta e CEDS – Centro de Estudo Socialistas). Por outro lado adotou o nome de Comitê Nacional de Luta Direta, pois havia uma esperança de que tomasse um caráter nacional, o que não ocorreu.

Foram tomadas algumas iniciativas importantes para a ampliação do Comitê, como a publicação de milhares de panfletos contra a Guerra ao Iraque e contra as Reformas, a realização do III Encontro da Esquerda Revolucionária no Fórum Social Mundial de 2003, a realização do 2º Ato Alternativo de 1º de maio na Praça da Sé, a panfletagem contra a Reforma da Previdência, o chamado a várias Plenárias para organização de jornadas de luta anticapitalistas, mas essas atividades não resultaram num crescimento orgânico ou da influência do Comitê. Apenas o CAS (Construção Ao Socialismo) ingressou ao Comitê a partir do IV Seminário, em março de 2003.

Isso também se deve à própria concepção e modo de funcionamento do Comitê. Não conseguimos até agora desenvolver um trabalho de articulação com os outros grupos, coordenações e comitês que levasse a uma maior coordenação

do movimento anticapitalista, ficamos numa postura um tanto auto-proclamatória, apenas de chamar os outros grupos para as nossas reuniões.

Por outro lado, é um fato que, no interior do Comitê temos conseguido romper com a tendência sectária e dogmática predominante na esquerda e realizamos alguns Seminários com importantes debates, como: As Lições dos Processos Revolucionários do séc XX, Os Problemas da Transição do Capitalismo ao Socialismo, A Situação do Capitalismo na Globalização, a Situação da Classe Trabalhadora Hoje, As Formas de Organização da Classe, A Questão dos Partidos ou Organizações Revolucionárias. Enfim todos os coletivos têm avançado em sua formação e no aprendizado de conviver com as diferenças, avançando no calor das discussões e da experiência.

É então a partir de todas essas reflexões e outras sobre os nossos acertos e erros, que temos que pensar numa forma de avançarmos para além da situação atual do Comitê.

Quais as Perspectivas?

Nos debates já iniciados a respeito de uma mudança no caráter do Comitê, alguns grupos já apresentaram propostas que tentam apontar um novo rumo em sua atuação.

Entendemos que essa é uma discussão em aberto, por isso, apresentamos abaixo a nossa interpretação e análise das propostas já feitas que, a nosso ver, possuem pontos positivos e também problemas. Ao mesmo tempo apresentamos nossa visão do que seria uma nova forma de atuação do Comitê.

Com certeza, a grande tarefa do Seminário será a de construir uma

síntese em base a essas e outras propostas.

A proposta de formação de um partido revolucionário com frações.

Essa proposta foi apresentada no último Seminário, se apegando na necessidade de uma organização revolucionária para disputar no movimento a influência a partir do desgaste do PT e inseqüência de outras organizações como PSTU, Causa Operária, etc. Como um modo de preservar a democracia interna se propõe a existência permanente de frações internas, combinadas com método das decisões por maioria. Junto a essa proposta mais restrita vem outra de chamar à construção de um Comitê Amplo, que tenha apenas a tarefa de impulsionar a luta direta.

Para nós, o problema da proposta de formar agora um novo partido ou organização revolucionária é que não leva em conta os enormes obstáculos existentes na situação e na consciência atual dos próprios revolucionários, a saber:

1) A não existência de um acúmulo nas discussões sobre o porquê fracassaram as tentativas de se construir partidos ou organizações revolucionárias e que tipo de organizações revolucionárias podem e devem ser construídas nos dias de hoje.

2) Grandes diferenças/ indefinições político-programáticas entre os coletivos, alguns ainda buscando sua própria identidade, consolidação e inserção social o que faz de cada organização um microcosmo particular em construção.

3) O grande desgaste e desconfiança da militância em geral com a idéia de formar já um partido, devido a todas as experiências mal sucedidas de funcionamento interno

que levaram a rupturas, expulsões, baixarias de todo tipo, situação essa que, além de muita discussão das causas, necessitará de experiências bem-sucedidas de aproximação e convivência em base a novas relações de confiança até que seja superada.

Enfim a nosso ver, a proposta de formar um novo partido ou organização revolucionária, mesmo com frações, seria precipitada, **pelo menos a curto prazo**, pois seguem pendentes um conjunto de questões sobre as quais há muitas diferenças ou discussões não realizadas e o mais provável é neste momento nos levaria a uma perda de energias, novas rupturas e a maiores frustrações e desgaste da militância.

Com relação à proposta de formação de um Comitê Amplo de Luta Direta, concordamos e a defendemos abaixo.

A proposta de que o comitê se constitua como organizador das lutas

Essa proposta tem sido apresentada por outros companheiros e está pautada numa análise de tendência de desgaste do governo Lula e das direções tradicionais, crescimento das lutas diretas e de novos organismos de base e a necessidade de que o Comitê se coloque como seu coordenador e impulsionador.

Segundo os companheiros, para viabilizar essa nova atuação, o Comitê teria que realizar plenárias mensais abertas e reuniões quinzenais de sua coordenação, ter uma publicação pelo menos mensal, elaborar um plano concreto de atuação unitária nas principais lutas diretas e um plano de arrecadação de finanças que pudesse viabilizar tudo isso.

Para nós, essa proposta também se apóia em uma necessidade real do movimento (a construção de

uma coordenação entre as lutas diretas), mas superestima o ritmo de desenvolvimento da luta de classes, como também das forças do próprio Comitê que é composto por apenas 5 pequenos coletivos.

Para que essa proposta pudesse ser implementada agora, seria necessário que houvesse um processo de lutas e de organização mais desenvolvidos e que as principais forças que se pautam pela luta direta estivessem representadas e engajadas na construção do Comitê, o que daria a ele maior inserção e forças para a realização dessa proposta.

Essa situação não existe hoje. Ela tem que ser construída junto ao próprio movimento e não a priori, mesmo por que não isso é possível.

Caso tentássemos avançar por demais na organicidade e na atuação unitária somente entre os grupos que hoje fazem parte do Comitê, teríamos que fazer muitos esforços para poucos resultados. Além disso, estaríamos colocando em dificuldade, ou mesmo em risco, a existência das próprias organizações que compõem o Comitê, que são muito frágeis e necessitam se dedicar também a atividades do seu próprio funcionamento como reuniões, atuação em seus trabalhos de base, suas publicações, sua formação, etc.

Temos que buscar a centralização possível dentro do desenvolvimento de nossas forças e do próprio ritmo de construção de um comitê mais amplo do que o atual.

EM BUSCA DE UMA SÍNTESE...

Para nós o Comitê Nacional de Luta Direta precisa discutir a fundo a situação da luta de classes e

prever ao máximo o ritmo de seu desenvolvimento, para identificar qual é o papel que lhe cabe e que pode cumprir nessa situação.

Em primeiro lugar é verdade que a situação da luta de classes aponta para um agravamento da crise econômica, do desemprego, do sofrimento dos trabalhadores, etc, mas não numa velocidade tão

Além disso, devido à gigantesca crise de alternativas ao capitalismo, esse agravamento das condições de vida não aponta, diretamente e na mesma intensidade, no sentido de um ascenso, pelo menos neste curto prazo, pois as direções tradicionais do movimento se colocam como parte e sustentadoras do governo e ainda não surgiram novas formas de organização e direções que possam substituí-las.

rápida (o Brasil não é a Argentina).

Além disso, devido à gigantesca crise de alternativas ao capitalismo, esse agravamento das condições de vida não aponta, diretamente e na mesma intensidade, no sentido de um ascenso, pelo menos neste curto prazo, pois as direções tradicionais do movimento se colocam como parte e sustentadoras do governo e ainda não surgiram novas formas de organização e direções que possam substituí-las.

A perspectiva mais provável num prazo de um a dois anos é de agudização gradual da miséria e desenvolvimento também gradual das formas de organização independentes dos trabalhadores, pelo que foi dito acima. Um processo de luta direta e organização espontânea mais veloz e profundo somente ocorrerá a partir de um agravamento maior da crise econômica, vide o exemplo da Argentina.

A partir dessa situação e do seu desenvolvimento mais provável temos que pautar nossa atuação.

Antes de tudo, devemos reconhecer que o nosso Comitê NÃO É UM COMITÊ NACIONAL DE LUTA DIRETA, 1º) por que não é nacional; 2º) por que não é um simples Comitê, pois possui vários pontos programáticos o que restringe a entrada de muitos outros coletivos, e 3º) seu caráter atual tem ido além de impulsionar a luta direta, tomando também um caráter de fórum de debates.

Reconhecer que este Comitê não é nacional, sequer estadual, significa que se quisermos cumprir algum papel impulsionador da luta direta, teremos que agir com humildade, reconhecendo que há muitos outros grupos e comitês que também levam a luta direta, fora nós.

Plenárias ou reuniões que pretendam marcar ações unificadas devem ser construídas junto com os outros grupos e comitês e não chamadas unilateralmente por nós. Da mesma forma, as ações devem ser construídas de forma unificada desde o seu início em plenárias abertas a todos ativistas.

A ação de estreitar os laços em direção aos outros coletivos, deve estar ter como conclusão organizativa a formação de um amplo **Comitê Anticapitalista e de Luta Direta**, sendo essas as duas únicas características delimitadoras da participação de coletivos e ativistas. a questão de formar ou não um partido NÃO deve fazer parte dos posicionamentos deste comitê amplo.

Para isso seria necessário a procura às organizações para

propor e preparar juntos a realização de um **ENCONTRO DOS GRUPOS E COMITÊS ANTICAPITALISTAS, BASEADOS NA LUTA DIRETA** que tiraria propostas unitárias de ação e começaria a formação desse novo Comitê.

E COMO FICARIA O COMITÊ ATUAL?

Quanto ao atual Comitê Nacional de Luta Direta teria que deixar esse nome para assumir publicamente

seu caráter atual que é o de uma **Frente de Coletivos Revolucionários**, que está definida em base a pontos programáticos comuns – a Carta de Princípios - e que **não teria como objetivo – pelo menos a curto prazo, a formação de um partido** – mas sim de se manter como uma Frente Programática que funcione por acordo e realize duas tarefas centrais: **1) ser um dos impulsionadores da luta direta e da coordenação dos coletivos e comitês. 2) Impulsionar a discussão teórico/programática dentro e fora**

dessa Frente a respeito dos temas ligados à realidade da luta de classes, à revolução e ao socialismo.

Esta segunda tarefa é outra das mais importantes e devemos fazer um esforço para realizar essas discussões na melhor qualidade possível e também levá-las para fora da própria frente, pois a reconstrução da teoria revolucionária é uma necessidade da vanguarda do movimento como um todo

ENCONTRO DE ESTUDANTES DE BIOLOGIA OU DE TEOLOGIA?

Carlos Wellington - estude de ciências sociais (FSA)

Avaliando a interação de futuros biólogos em atividades culturais, durante o Encontro Regional de Estudantes de Biologia da Região Sudeste realizado na Fundação Santo André (FSA), dias 19 e 22 de junho de 2003.

A pesar de me sensibilizar com acontecimentos interessantes no aspecto humano, ocorridos no EREB - coisas que não vi em nenhum encontro de História, Ciências Sociais ou Geografia, pois estes estudiosos são pessoas muito secas tanto quanto seus “mestres” e/ou velhos intelectuais das organizações que fazem parte - ainda assim os futuros biólogos da região sudeste estão muito aquém, humanisticamente falando, na forma de ver, de se aproximar, de sentir e de se

relacionar com o outro.

Por falta dos princípios mais importantes (apesar de bem menos do que em meus secos colegas das ciências “humanas”), ainda aderem à antítese entre natureza e cultura, instinto e moralidade, sexualidade e realização. Ainda são incapazes de resolverem realmente (de fato) os problemas pedagógicos, não entendem a identidade entre processo sexual e processo de vida, não sabem que a *“potência orgástica é a capacidade de abandonar-se livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo. Nem um único neurótico é orgasticamente potente, e as estruturas de caráter da maioria esmagadora dos homens e mulheres são neuróticas”*.(Wilhelm Reich)

Apesar dos estudantes de Biologia da Fundação Santo André - responsáveis pela organização do encontro - mesmo sem pensar na

questão da sexualidade terem criado um ambiente propício para que houvesse interações não formais, ou seja, antiformais, não foi isso que aconteceu durante as noites nas atividades culturais (ainda que eu tenha detectado nas faces das futuras biólogas uma blindagem mais vulnerável a se quebrar do que nas futuras “sociólogas” e “historiadoras” com suas saínhas hippies e rostinhos de pedra).

“Eu sou médico há mais de cinquenta anos. Acabei médico porque amava o corpo - e porque amar o corpo não pode. Não podia - quando menos. Eu queria ‘conhecer’ as pessoas, isto é, vê-las (até aí pode, mas já com muitas restrições), falar com elas (isso pode, até a náusea...); mas depois eu queria me achegar, passar a mão (sentir), mexer (sentir), apalpar (sentir), encostar e quanto mais. Imaginem que loucura a minha. Que gosto esquisito - não é?” (José Ângelo Gaiarsa - médico e psicoterapeuta).

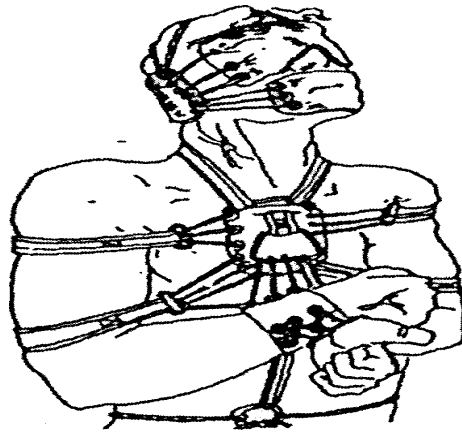
Pois é, no caso do EREB, só foi possível o toque no corpo do outro com a intermediação do álcool. Sem álcool os beijos não rolaram, ou dificilmente rolaram. Só após muito beijo na latinha

de cerveja pra tirar o sentimento de culpa que acompanha a sexualidade, imposto por essa civilização ocidental e sua moral religiosa, é que foi possível ver casais saindo de canto meio cambaleantes devido à tontura causada pela cevada “natural”.

Por outro lado, notei nos olhos das pessoas, principalmente das raparigas, um inconsciente pedido de socorro. Esse inconsciente pedido expressava-se na forma ultra-animada em que as pessoas que participavam da atividade cultural, dançavam. (diferentemente das “hippies” das faculdades de Ciências Sociais e História, com seus rostinhos de pedra). Essa forma animada de dançar, me fez lembrar o comentário da psicóloga norte-americana Phyllis K. Davis, em seu fantástico livro *O Poder do Toque: “Não medimos esforços para satisfazer nossa ânsia por pele, mas nem sequer nos damos conta disso”*. Também fez lembrar Jim Morrison, quando interagia com o público dos seus shows: “*O que vocês estão fazendo aqui? Querem ouvir música? Não é isso que estão querendo. Certo? Quero ver muita ação neste local. Quero vê-los divertir-se a valer. Falo sobre o amor. Agarre o seu amigo e faça amor. Quebre as regras, os limites impostos a nós! Vamos lá! Sim!*”.

Diz-nos Wilhelm Reich que, “*para poder competir com esse mundo, as pessoas têm de suprimir aquilo que é mais belo e mais verdadeiro, aquilo que é realmente básico nelas mesmas; tem de desejar aniquilá-lo e vencê-lo com a parede grossa da blindagem que foi colocada no caráter. Fazendo isso, afligem-se por dentro e habitualmente por fora também; mas também se excitem da luta contra esse caos. Há um reflexo embaçado dos sentimentos mais profundos e mais naturais e plenos sentimentos de amor, esse reflexo entretanto, está personificado em um ‘sentimento’, tanto mais artificial quanto mais grossa for a blindagem desenvolvida contra a própria naturalidade daqueles sentimentos. Assim mesmo no mais exagerado phatos, encontramos um traço leve daquilo que realmente vive. E é desta última centelha embaçada de vida que a mentira e a mesquinhez humana tiram a força que alimenta a hipocrisia. Como as pessoas não podem, nem lhes é permitido, viver a sua verdadeira vida, agarram ao último vislumbre que se revela na hipocrisia.*” (*A Função do Orgasmo*).

Quero dizer aos estudantes de Biologia que o prazer e a alegria da vida são inconcebíveis sem luta, sem experiências dolorosas e desagradáveis e auto-avaliações. É fundamental que futuros biólogos tomem consciência de que só se desenvolve quem se envolve. Como disse certa vez Freud: “*É preciso amar para não adoecer*”. Oscar Wilde colocava que: “*Amar é se superar*”. O medo de se envolver é o medo de viver.



Diz o criador da psicodramaturgia, o argentino Moreno, que *neurose é sinônimo de medo de entrar em ação*. Já o médico e psicoterapeuta José Ângelo Gaiarsa por sua vez coloca: “*o que assusta mesmo é o que aparece (que é o corpo do outro), é o fazer, o agir, o pôr o corpo em posição (com o corpo do outro) e em movimento. note-se: fazer compromete. É preciso falar e é proibido agir! É como se fossemos apenas idêia!*”

O psicanalista norte-americano Alexander Lowen, explica que “*a saúde emocional pode ser definida em termos da habilidade de um indivíduo em envolver-se completamente em suas ações e comportamento. Uma mobilidade aumentada proporciona maior variabilidade de ações e permite uma maior flexibilidade nas respostas às situações. Estar liberto dos grilhões dos medos inconscientes, isto e apenas isto, tornaria o homem capaz do amor no qual estão expressos os mais profundos sentimentos com sua mais potente força agressiva*”.

É preciso que consigamos reunir força e coragem para relacionarmos-nos uns com os outros sem os preconceitos que a nossa educação sexual nos colocou. Como bem disse Reich: “*Aquele que não conseguiu reunir força ou coragem pra conseguir realizar uma relação sexual livre, vive sob um*

sentimento de culpa infundado, portanto neurótico”.

Não resta a menor dúvida de que as inibições moralistas produzem neuroses. E neurose é exatamente medo da vida. Indivíduos neuróticos, se submetem a uma espécie de “moralidade” ditatorial que confunde com pornografia os sentimentos naturais da vida.

É preciso que elevemos um protesto enérgico quando forem rotulados como imorais os nossos sentimentos. Tomemos por base as leis interiores em vez dos códigos externos compulsivos. Só assim poderíamos deixar de recorrer a cantos escuros de atividades culturais sob o efeito do álcool para socorrermos nossas naturais necessidades biológicas. A lei íntima e não a lei exterior (moral sexual burguesa cristã) é a medida da verdadeira liberdade. O fanatismo moralista é o inimigo mais perigoso da moralidade natural e só pode ser combatido com o conhecimento da lei natural do processo sexual.

O comportamento moral natural pressupõe o livre desenvolvimento do processo natural da vida. “*Por outro lado*”, diz Reich, “*caminham de mãos dadas com a moralidade compulsiva e a sexualidade patológica*”. Essa colocação explica o porquê dos mesmos jovens que estão presos dentro dessa “moralidade” artificial necessitam tanto do álcool para se “realizarem” sexualmente. Até mesmo um simples beijo, estando à mercê dessa “moral”, não se consegue dar, pedir ou receber.

Esta sexualidade que aí está, é uma distorção do amor natural. Encobre por completo a totalidade daquilo que é profundamente desejado, como felicidade no amor. As pessoas perderam o seu sentimento da vida sexual natural, mas é preciso e possível recuperá-la. Eros, pressupõe inteira capacidade sexual, e a capacidade sexual pressupõe interesse social e afirmação geral da vida. Apenas a liberação da capacidade natural do homem para o amor é que pode

vencer a sádica tendência destrutiva. Como bem diz o doutor Gaiarsa: “*nossa negação do corpo pode nos ser fatal, pois é dele que emergem todas as criações espontâneas da vida. Negá-lo é negar a vida*”.

É preciso que se diga que os estudantes de Biologia não devem, através de atitudes inconscientes, verem-se inconscientemente como ascetas. Mas precisam buscar o conhecimento a

respeito de si mesmos, de seus corpos e mentes. Energias que são a mesma coisa, pois estão interligadas pelo universo. Devem buscar esse conhecimento pois só assim poderemos ter esperança de que com isso, evitaremos a destruição do planeta pelo sistema capitalista de produção.

Para finalizar, quero ressaltar a minha admiração pelas dinâmicas informais realizadas pelos jovens organizadores do EREB. Essas dinâmicas colocam os

estudantes de ciências biológicas, bem mais próximos do tão negado (evitado) beijo. De fato, vi pessoas bem menos secas do que meus “colegas” das ciências “humanas”. O economicismo como método de organização, pode e deve ser revisto. Não acredito que jovens intelectuais secos possam transformar pra melhor uma sociedade.

“Solte-se e você será muito mais do que jamais sonhou ser” (Janis Joplin)

FIM ÀS PRISÕES POLÍTICAS DE TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Dados divulgados em 26 de agosto deste ano dão conta de que 44 trabalhadores e trabalhadoras rurais foram assassinados em 2003 (Fonte: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos/CPT). Enquanto isso, milícias pára-militares, ou, capangas em bom português, aparecem em pleno Jornal Nacional portando fuzis AR-15, de uso exclusivo do Exército.

Dentro do mesmo contexto ouvimos um Ministro de Lula dizer: “Temos que desarmar os dois lados”. O que querem tirar desses trabalhadores, senhor Ministro? Suas foices e suas enxadas? Mas, isso já lhes foi tirado há décadas!

Atualmente há dezenas de lideranças do MST presas, de norte a sul do Brasil. E como pode ser comprovado nos textos que pedem as prisões

preventivas, trata-se de prisão política. Foram presos por serem lideranças de movimentos sociais, numa clara tentativa de criminalizar e desestabilizar o movimento social do campo. Essas ofensivas estão se intensificando no governo Lula, e tanto o governo quanto o PT não têm se manifestado como se espera de um partido que se diz dos trabalhadores. Quando fazem algo, parece-nos que fazem com medo, como se pedissem desculpas pela “confusão”. Hoje o PT é o partido da “ordem” burguesa, e Lula tem defendido esses interesses.

Em 10 de setembro o juiz da Comarca de Teodoro Sampaio, Átis de Araújo Oliveira, de uma canetada só, mandou prender onze integrantes do MST da região do Pontal do Paranapanema.

Em 12 de setembro sete lideranças do MST foram presas em Sergipe. José Rainha e Mineirinho já estão presos há tempos, e sem condenação contrariando seus direitos, estão no presídio de Segurança Máxima como se fossem nocivos à sociedade.

Uma pergunta ao PT e ao Governo Lula: de que lado vocês estão? E o MST, que tem defendido o governo Lula, não vai cobrar uma resposta do presidente diante dessa verdadeira perseguição que as lideranças rurais lá da base estão sofrendo? O MST se esqueceu dos companheiros José Rainha Júnior e Mineirinho?

Não é possível esquecer a luta de classes nem de que lado estamos nessa luta.

BELEZAS E INJUSTIÇAS DE UM PARAÍSO ESCONDIDO

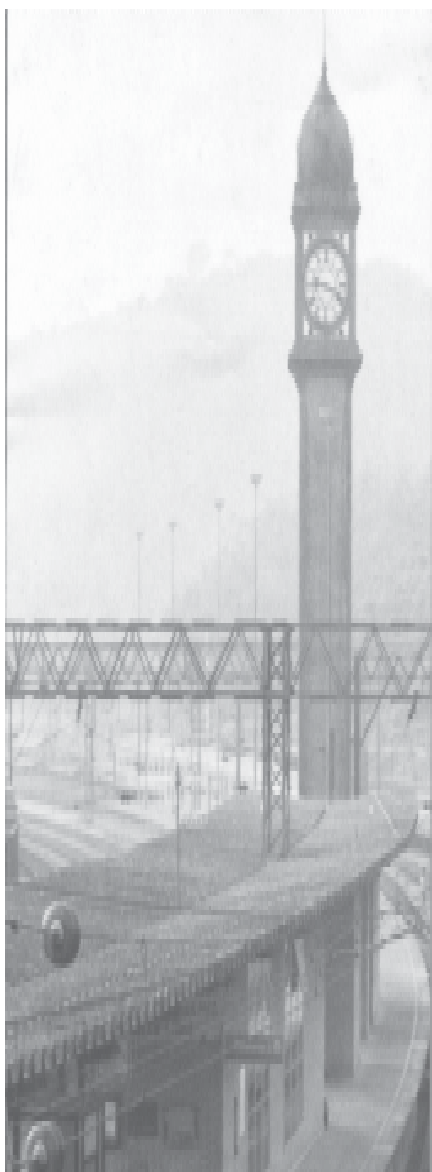
19

Paranapiacaba (em tupi-guarani “lugar de onde se vê o mar”) é uma vila-cidade pertencente à Santo André. Criada em 1856 era um acampamento de operários para construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí que escoaria o café aos mercados da Europa.

Incluída entre os 100 monumentos mais importantes do mundo, sendo núcleo da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo, integrando a reserva da Biosfera da Mata Atlântica e sendo reconhecida como de relevante valor para a humanidade seus moradores estão sendo excluídos. Sendo transformada em pólo turístico da região do ABC seus moradores estão sendo obrigados, administração petista, a adequarem suas vidas ao comércio local.

Suas casas estão sendo transformadas em “ateliês-residência”, oficinas, casas de chá... Moradores não enquadrados no “projeto” deverão ser expulsos do local.

Os Festivais de Inverno devem continuar! A arte e a natureza caminham juntas! Isso tudo deveria estar a favor dos seres humanos, inclusive da população local e não a serviço desse sistema que desumaniza e destrói.



PARANAPIACABA

Em Paranapiacaba
há muitas coisas
a serem exploradas

Tem cachoeira
tem cascata
era uma tarde animada

Mas no ar
um clima ruim pairava
enquanto o festejo se animava
pessoas se desesperavam

De suas casas
iam ser despejadas
e ficavam desesperadas
ao olhar para o relógio

O tempo parecia que voava
a prefeitura sentenciava
o prazo já se esgotava

E de novo o clima ruim pairava
no lugar da paisagem
diziam construir uma faculdade

E se não nos rebelarmos contra
essa arbitrariedade
como dizia Luxemburgo
(Socialismo ou barbárie)

Abel P. Silva Neto
Grêmio Estudantil “Contra a
Cultura burguesa” (Escola Adib
Chammas – Santo André)

GOVERNO PARALELO

Sandro Cardoso dos Santos (Professor da rede pública/SP)

Transeuntes

*Meio-fio separa uma velha pedinte de
correligionários*

Da situação

Edificando conglomerados produtivos

Especulam

Na Bolsa dos quilos de cocaína

O morro

Policiando

A justiça da cobra-cega

O tráfego

De influências

Políticos

Avaliando o custo-benefício

Piramidal

A bengala coligada

Guia

A velha democracia

O peso da carcaça

Sucumbe a sapiência dos povos

Calcanhar-de-aquiles.



Do livro: *Dialéticas - Reflexões Poéticas*

ESPAÇO SOCIALISTA

Rua Wademar Campanha, 10

sala 15 - centro - SBCampo

CEP 09760-010

www.espacosocialista.kit.net

e-mail: espacosocialista@hotmail.com